

Palestina e o eixo de resistência



Por MARTIN MARTINELLI*

O eixo tenta neutralizar as incursões do imperialismo norte-americano com o seu braço israelense na região

As raízes do Hamas remontam a quase meio século e não se referem a qualquer tipo de “terrorismo islâmico”. Esta é uma figura promovida e inventada pelas potências anglo-saxónicas para invadir diferentes países da região da Ásia Ocidental. Na década de 1970, o xeque palestino Ahmed Yassin fundou uma organização baseada no Islã, aceita por Israel, porque acreditava que poderia enfraquecer o Fatah, a principal organização da Organização para a Libertação da Palestina (OLP). Suas maiores derivações atuais são políticas e geopolíticas.

O movimento sunita Hamas surgiu num contexto de desilusão com os movimentos políticos palestinianos seculares, que consideram incapazes de pôr fim à ocupação militar israelita e à colonização dos colonatos. Lutou contra a ocupação israelita e marcou o ressurgimento das forças islâmicas na Cisjordânia e na Faixa de Gaza. Ele coexiste com o nacionalismo secular do Fatah e defende o nacionalismo islâmico como um projeto político diferente. É importante esclarecer que a maioria do povo palestiniano é muçulmano, razão pela qual os centros de ação social ou de ajuda nasceram em muitos casos como mesquitas.

Desde 2001, o Hamas tem debatido com a Fatah para alcançar uma posição “nacional” – referindo-se à inclusão representativa de todas as facções – em vez de uma posição “nacionalista” nas negociações de paz com Israel. O movimento de Resistência Islâmica, Hamas, foi criado pela Sociedade da Irmandade Muçulmana em 1988. Dedicado a actividades sociais, religiosas e políticas, é o exemplo do islamismo nacionalista: é um grupo palestiniano que consegue harmonizar ambos os conceitos, diferenciando objetivos de curto prazo (a nação) e de longo prazo (a Umma).

O Islã político propõe uma teoria da política e do Estado; Representa uma manifestação intelectual da interação entre religião e política, como a República Islâmica do Irã, um caso possível. Alguns intelectuais muçulmanos consideravam o nacionalismo como um projecto imposto e particularista, ao contrário do islamismo que procuraria estabelecer a Umma ou comunidade islâmica, sem distinção de origem étnica, linguística, geográfica, etc.

A dicotomia entre nacionalismo e Islã supranacional reduziu a sua intensidade, dada a emergência dos Estados islâmicos e a concepção do Estado moderno, a adaptação islâmica ou nacionalização do islamismo. Tal como o Hamas, que procura primeiro alcançar um Estado palestino, participando e aceitando as estruturas políticas, para continuar a procura de um Islã supranacional.

A reconciliação do islamismo com o nacionalismo concebe uma espécie de hierarquia de círculos identitários, onde o patriotismo e o nacionalismo árabe conduzem a um círculo supranacional maior e mais abrangente, o da Umma islâmica. A questão da libertação da Palestina, presente em capítulo preferencial na luta com Israel.

Em 2005, Abbas foi eleito presidente da Autoridade Nacional Palestina (ANP), passando a administrar na Cisjordânia com

poderes limitados. Nesse ano, Israel também se retirou da Faixa de Gaza, território ocupado pelas suas tropas e colonos, encerrando 38 anos de ocupação. A retirada fazia parte dos acordos do “processo de paz”: a implementação do plano de retirada não correu bem.

O Hamas tem uma série de organizações dependentes que realizam atividades em áreas que vão desde a educação cultural e religiosa aos jovens através das suas madrassas, à assistência social aos palestinos mais necessitados (e às famílias dos seus próprios membros mortos ou presos nas prisões israelitas), e representação nas instituições democráticas palestinas através da lista de Mudança e Reforma.

Concorreram às eleições gerais de 2006 e obtiveram a maioria, o que lhes deu o poder de formar o governo liderado por Ismail Haniye. O braço armado da organização são as Brigadas Izz ad-Din al-Qassam, que mantêm a luta armada contra o Estado de Israel, que considera ilegítima. Tareq Baconi explica o significado do Hamas em seus primórdios: “Em 1988, a OLP apresentou uma declaração que incluía a independência do Estado da Palestina, o que essencialmente equivalia a uma concessão histórica em nome dos palestinianos. Essencialmente, a OLP aceitou a perda de 78% da pátria histórica dos palestinianos para Israel e aceitou a formação de um Estado palestiniano em 22% da terra. Esta concessão é uma que o Hamas desafia então”.

O Hamas – à medida que a OLP emerge deste momento de fomento revolucionário e, num certo sentido, depõe as armas e admite que a diplomacia é agora um caminho a seguir – surge como um movimento que desafia esse compromisso. Em vez da diplomacia, argumentam eles, devemos continuar comprometidos com a resistência armada para a libertação total, exceto se o fizermos numa ideologia que seja islâmica, e não secular.

O “Roteiro” foi rejeitado por várias organizações palestinianas, incluindo as Brigadas dos Mártires de Al-Aqsa, a Frente Popular para a Libertação da Palestina e as correntes islâmicas Hamas e Jihad.

O eixo da resistência

O eixo da resistência é uma organização informal que surgiu em oposição às considerações do “eixo do mal” de 2002 e carece de uma data específica de surgimento. Na história recente, devemos ponderar os fracassos dos Estados Unidos nos seus objectivos tanto no Iraque como no Afeganistão. Até 2020, Qassem Soleimani foi o grande arquitecto deste movimento, muitos até o consideram o “Che” Guevara do Médio Oriente, cujo objectivo geral era o recuo do avanço americano na região.

Este eixo tenta neutralizar as incursões do imperialismo norte-americano com o seu braço israelita na região. São guerrilhas ou formações não estatais, diferentes dos exércitos regulares que as compõem. Países que foram sitiados e, portanto, enfraquecidos nas suas estruturas estatais e sociais. Isto permitiu uma aproximação na normalização que Israel procurava com vários deles.

Os Houthis, como costumam ser chamados os membros do Ansarallah, são um grupo surgido no Iêmen, a partir da resistência de um país bombardeado desde 2015 pela Arábia Saudita e pelos Emirados Árabes Unidos. Eles operam em um dos pontos geoestratégicos mais densos, o Estreito de Bab al-Mandab. É denotado pelo tráfego comercial e de hidrocarbonetos, bem como pelo número de bases das potências (França, Estados Unidos, a única da China), sediadas na costa oposta, no Djibuti. Juntamente com o Estreito de Ormuz, é erguida parte do eixo de resistência do Irã ao Iêmen. Os grupos que o compõem estão junto com os Houthis do Iêmen; Síria; o Hezbollah no Líbano, o Hamas e a Jihad Islâmica na Palestina; Badr, Kataeb Hezbollah e Asaib Ahl al Haq no Iraque e a Guarda Revolucionária no Irã.

Os Houthis atacaram navios mercantes ligados a Israel como estratégia para exigir um cessar-fogo contra os palestinos de Gaza. Isto gera surpresa global por vir de um país nas suas condições, enquanto a coligação Estados Unidos-Reino Unido atacava o porto iemenita de Hodeida. Além de observar a disparidade de poder militar entre eles, isso corrobora aqueles

a terra é redonda

que mais se interessam pelos movimentos israelenses na região. Ou seja, as potências militares anglo-saxónicas que tentam travar isto significam a sua perda de potencial económico e financeiro.

Os movimentos mais recentes nas placas tectónicas da região fizeram com que países em desacordo ou em níveis de tensão e rivalidade se aproximassem, como o Irão e a Arábia Saudita. Por exemplo, estruturalmente, em duas grandes organizações e sobretudo no realinhamento do conselho global que é o BRICS+. Esta expansão apresenta vários desenvolvimentos.

O eixo da resistência insere-se na aproximação do Irão à Rússia e à China, devido às mudanças da última década de uma recomposição do poder de vários actores da região materializada nos rendimentos do Egipto, Etiópia, Emirados Árabes Unidos, Irão e Arábia Saudita. A magnitude desta mudança é algo que poderia ter sido impensável há uma ou duas décadas, no auge da unipolaridade americana.

Estes são alguns dos interesses geopolíticos por detrás destes meses de bombardeamentos israelitas contra os palestinianos. O número de mortos, feridos e deslocados é impressionante. Superam a expulsão dos palestinianos em 1948 e mais do que duplicam o poder de fogo do maior ataque terrorista da história, as bombas nucleares que o exército dos EUA lançou sobre Hiroshima e Nagasaki, que inauguraram a era contemporânea, agora em questão.

No caso do Hamas, esta organização política e social, que também tem um braço guerrilheiro, propõe três objectivos principais: "a criação de um Estado Palestiniano independente, a libertação dos prisioneiros palestinianos encerrados em prisões israelitas e o fim das incursões de Colonos israelenses e policiais na mesquita de Al-Aqsa, em Jerusalém." Actualmente, está a aproximar-se da Fatah para procurar uma coligação governamental unitária, também com a mediação da cada vez mais influente diplomacia chinesa, e faz parte dos apelos para aceitar a Palestina na ONU como membro de pleno direito. Este último dar-lhe-ia reconhecimento e protecção internacionais, caso a enorme ajuda dos Estados Unidos, um apoio insubstituível ao comportamento belicoso de Israel, pudesse ser interrompida.

Estas organizações de diversas orientações actuam de forma independente, mas com um objectivo comum: erodir o poder militar americano nos seus países como um passo prévio para a libertação da Palestina. Entretanto, os Estados Unidos, com o seu apoio na área, tentam isolar estas organizações e chamá-las de terroristas.

O Irã pressionou por uma virada para o leste. Mantém um tratado de 25 anos com o gigante asiático do petróleo e do gás em troca de investimentos em infra-estruturas. É por isso que o Irão, um dos países mais sancionados economicamente pelos Estados Unidos, o segundo atrás da Rússia, está cada vez mais relacionado com os países da sua região, além da China e da Rússia. Depois de sofrer ataques cibernéticos e assassinatos seletivos de Israel e dos Estados Unidos, incluindo Qassem Soleimani.

Outro objectivo do eixo da resistência é a libertação da Palestina. Isto contrasta com as tentativas de Israel de normalizar as relações árabes nos últimos anos. E, além disso, mostra que para além das posições oficiais dos países, entre as populações da região, continua a rejeição do plano de balcanização no "Oriente Médio", promovido através daquele aliado quase incondicional dos Estados Unidos.

Este eixo gera uma mudança nas relações de poder, para além do que fazem os exércitos regulares dos seus países, cujo poder se tentou desmantelar ou deteriorar. Portanto, é uma reconstituição sob outras formas que tenta mostrar o seu desacordo com as bases dos EUA no Iraque, ou com a arrogância do exército israelita para com a Síria, o Líbano e a Palestina.

Esses grupos se consolidam como uma frente comum à violência inusitada levada a cabo pelos Estados Unidos que deixou países destruídos, milhões de refugiados e centenas de milhares de mortos com o aumento dos gastos militares. É uma forma de alinhamento regional, o oposto das tentativas de fragmentação incorporadas em Israel e do crescente apoio militar e logístico que recebe. O Irã também alertou Israel, com o seu ataque comedido, de que um novo período está a

começar. E juntamente com a resistência no Sahel, levantam mais questões sobre os modos neocoloniais das potências euro-americanas.

É viável que possa influenciar o que acontece na Palestina, ao gerar um entrelaçamento de grupos, com tecnologia e força militar diferentes. O seu propósito carrega um fardo histórico e relevante para as suas sociedades em geral, o de minar os processos liderados por Israel e pelos Estados Unidos, para estabelecer um “caos controlado” de desunião e sobreaquecimento militar na região. Para esse efeito, entendem a Palestina como uma questão fundamental.

Lute pela autodeterminação

A realidade social e política palestina foi fracturada em três planos (alguns consideram quatro, com Jerusalém Oriental): na Cisjordânia e em Gaza, dentro de Israel e fora da Palestina histórica (refúgio e emigração). Estas três dimensões, embora tenham particularidades, não foram isoladasumas das outras e influenciaram-se mutuamente. Para os palestinos constituem a mesma realidade e qualquer palestino tem os seus familiares espalhados nestes três mundos. Por outras palavras, as três esferas da ocupação israelita da Palestina são inseparáveis. O confronto com Israel reúne quase todas as facções palestinas e une até o mundo muçulmano e a causa árabe.

O povo palestino continua a lutar pela sua autodeterminação, independentemente de ser possível a aplicação de uma solução binacional ou de dois Estados. Sem deixar de ver a situação de ocupação que se arrasta há décadas e aumenta continuamente. Ao mesmo tempo, a aplicação do *apartheid* à sua população é reconhecida internacionalmente, mas isso ainda não modificou substancialmente a sua realidade.

Entre as formas de resistência palestiniana e de solidariedade internacional para com a sua causa, encontramos a campanha BDS, Boicote, Desinvestimento e Sanções (relacionada com a campanha sul-africana), que se opõe às declarações da Aliança Internacional para a Memória do Holocausto (AIRH), de rejeitar a assimilação entre a judeofobia (anti-semitismo) como forma de racismo e o anti-sionismo, como uma rejeição das políticas israelitas em relação aos palestinianos.

A actual escalada demonstra como o mundo mudou, especialmente desde 2013/14, e acelerou em fevereiro de 2022, um declínio relativo dos Estados Unidos em vários aspectos, recuando em alguns locais como o Oriente Médio. Nesta novidade há um renovado poder da China na sua aliança estratégica com a Rússia. A Faixa de Gaza é controlada desde 2007 por terra, mar e ar; este é o terreno fértil, juntamente com a opressão e os bombardeamentos cílicos, onde emerge este círculo de violência.

Exigimos a cessação imediata dos bombardeamentos e da guerra de extermínio, uma provável limpeza étnica do exército israelita se este não parar os seus objectivos. Ao mesmo tempo, lamentamos as perdas humanas e as suas consequências para os envolvidos. Os palestinos têm resistido às tentativas de expulsão desde a *Nakba*, há 76 anos.

Apelamos ao fim de todas as formas como o exército israelense tenta cercar e bombardear os palestinos que vivem na maior prisão ao ar livre do mundo. Perante esta máquina de morte e de desinformação, a posição a adotar é a de denunciar o uso político e geopolítico destes massacres.

***Martín Martinelli** é professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidad Nacional de Luján (Argentina). Autor do livro Palestina (e Israel). Entre intifadas, revoluciones y resistencias (EdUNLu).

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

a terra é redonda

Ajude-nos a manter esta ideia.

[CONTRIBUA](#)

A Terra é Redonda